



# A Permuta

ORGÃO INFORMATIVO DA  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

PORTO



Nº 129  
Janeiro / Setembro 11

ISSN 0871 3421



# A Permuta

Nº 129

Janeiro / Setembro 11

ORGÃO INFORMATIVO DA  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

PORTO



A Permuta  
Nº 129  
Janeiro / Setembro 11

ORGÃO INFORMATIVO DA  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA  
PORTO

FICHA TÉCNICA

A Permuta  
Orgão informativo de distribuição gratuita  
Periodicidade Quadrimestral

*Edição da:*  
Sociedade Portuguesa de Numismática

*Director:*  
Dr. Henrique Nogueira

*Sede do editor:*  
Rua Costa Cabral, nº 664 - 4200-211 Porto

*Contactos:*  
Telf. e Fax: 22 509 60 29  
Email: [sppnumismatica@sapo.pt](mailto:sppnumismatica@sapo.pt)

*Nº de pessoa colectiva:*

501 294 155

*Design e paginação:*

Purpura - Design e Comunicação

*Tiragem:*

700 exemplares

*Depósito Legal nº 29 367/89*

*ISSN 0871-3421*

*ICS (106479)*

## SUMÁRIO

A Dinastia de Avis, as Moedas, a História, alguns pormenores ...	3
O "Português"	10
O Reino Vegetal na Numismática	15
Uma Interessante Medalha da Cruz Vermelha	27
A propósito de um "Conto para Contar"	30
Notícias	32
Legislação	34

*Na capa:*

Entrada de D. João I no Porto.

Pormenor dum painel de azulejos de Jorge Colaço (1915) na estação de S. Bento

# A Dinastia de Avis, as Moedas, a História, alguns pormenores...

D. João, Regedor e Defensor do Reino – A Revolução e o Real

por Atanagildo Lobo



Batalha de Aljubarrota - Miniatura do Museu Britânico

3

A revolução de 1383/85, composta por uma sublevação burguesa e por muitas, vastas e profundas revoltas camponesas, agitou de norte a sul e de leste a oeste toda a sociedade portuguesa, converteu-se em triunfo sobre a Nobreza de Portugal e de Castela, numa genuína luta nacional pela independência e de translúcida insubmissão às pretensões e aos interesses castelhanos.

A revolução de 1383/85 é também o início, o ponto de partida de uma viagem admirável, uma jornada deslumbrante ao mundo da numismática: a Numária da Dinastia de Avis.

Nos duzentos anos da segunda dinastia criaram-se estilos e tipos artísticos diferenciados, designações de numismas de vida efémera e especial, moedas que correram o mundo e serviram de inspiração a outras moedas, valores que, registados naquela época, correram mais de 500 anos de história e chegaram aos nossos dias.

É este ilustre itinerário numismático, pincelado de paisagens históricas e artísticas que deram o odor, o condimento e o paladar desse cozinhado que alimentou a história de um povo e de um país de 1383 a 1583, que vos proponho.

Um percurso que, indo do real ao cruzado, do espadim ao cinquinho, do escudo ao português, da galáxia de ceitis à exclusividade do índio, se inicia nessa extraordinária revolução que marca a ascensão da Burguesia, a eleição de um Rei, a consciência nacional e patriótica de um povo e inaugura o período mais profícuo, mais diversificado e mais belo da nossa numária, o da segunda dinastia, a dinastia de Avis.

Não fosse esse trajecto também coincidente com essa façanha única de um povo de um pequeno recângulo de terra no ocidente da Europa que, cavalgando os mares nunca antes navegados num propósito ímpar, deu novos mundos ao mundo, e que ficou para a história com o nome de «Os Descobrimentos».



Uma revolução não se faz por acaso, não surge do nada, nem da vontade de um, dois ou mais tipos decidirem querer fazer uma revolução. Uma revolução tem antecedentes, causas e razões. No mundo ocidental, a partir do século XIII, surgem com frequência revoltas dos burgueses contra os nobres, as lutas da cidade contra o senhor são às dezenas e as cidades que conquistam autonomia política e administrativa são imensas.

O nobre tem as fronteiras muito apertadas pois elas coincidem com as do seu domínio. O burguês, ao contrário, é cosmopolita, percorre meio mundo, fala todos os idiomas, negocia com todos os povos. A velha Nobreza para os problemas irresolúveis apenas tem a espada como solução, pois ignora outros métodos. A Burguesia em ascensão é próspera porque enriquece, a promoção social é manifesta e reconhecida, a sua influência aumenta. Os camponeses pobres e os assalariados apoiam a Burguesia rural nas suas reivindicações em relação à terra dos grandes senhores.

Sentindo o terreno a fugir-lhe debaixo dos pés, incapaz de suportar com os seus próprios expedientes o movimento revolucionário ascendente, a Nobreza procura deliberadamente a entrada em acção do aparelho bélico da aristocracia de além fronteiras. Assim, a Nobreza, face à sua decadência progressiva e à direcção que as novas forças sociais lhe impõem, prefere a dominação do seu país por um estado estrangeiro que abafe a revolução e lhe conserve os privilégios e as regalias.



4





D. Fernando - Rei de Portugal

Porém, a Nobreza socorre-se demasiado tarde do auxílio estrangeiro. A revolução amadurecera. E quando morre D. Fernando e a aristocracia aclama o rei castelhano casado com a infanta, a insurreição precipita-se, fundindo-se com a luta pela independência da nação.

Foi assim que a revolução de 1383, irmanada com a luta nacional pela independência, se dirigiu directa, clara e inequivocamente, contra a Nobreza territorial. Com esta revolução entra Portugal numa fase de independência mais efectiva.

Até então autónoma é a Nobreza. Dali em diante, é a Burguesia e o Povo-Miúdo que chamam a atenção para os seus casos e que legislam mesmo. Mas não chegam a impor-se, pois não só houve tempo para isso, como passado algum tempo, surge o reaparecimento de uma nova Nobreza.

5



Crónica Fernão Lopes

No entanto, a nova época apresenta aspectos revolucionários como relata Fernão Lopes: **Revolução na rua, executada e encabeçada por populares; Cortes de Coimbra, sujeitas a nova regulamentação; Tática militar que patenteava que a Nobreza entrava em decadência.**

O depoimento deste genial escritor, não deixa qualquer dúvida de que a revolução de 1383 foi uma



revolução profundamente popular que abrangeu o país todo em levantamentos insurreccionais contra a ordem feudal. Numa linguagem viva, conta-nos como o «povo miúdo» se alçou para o combate, vencendo os treinados e vaidosos militares aristocratas, tomando e fazendo ruir muitos dos seus castelos.

Descreve-nos como, à revolução dos burgueses do Porto e Lisboa, conduzidos por aguerridos homens dos mesteres, responderam por todo o país os homens bons e os camponeses sem terra, imortalizados por Fernão Lopes com o nome de «ventres ao sol». Quem dirige deveras os acontecimentos é a Burguesia e também o Povo-Miúdo.

É o Povo que ataca, a Nobreza limita-se à defesa, à fuga. e, mais do que isso, é a arraia-miúda que impele os grandes da Burguesia, é esta força que arrasta e dá força aos dirigentes, muitas vezes transmitida por simples contacto, como quando o Mestre de Avis passava e o Povo agarrando-se-lhe aos arreios dos cavalos, acompanhava-o trotando e incutia-lhe aquele ânimo que por vezes lhe faltava.

Em segundo lugar, as Cortes de Coimbra de 1385 são um sucesso único em toda a História de Portugal, porque nelas ocorreu o que nunca se tinha passado e que não tornará a acontecer jamais: a escolha do Rei. Não se vai entregar o trono ao herdeiro legítimo, a filha de D. Fernando, casada com o Rei de Castela.



*Mestre de Avis*

É o Mestre de Avis, ainda que nobre por parte do pai, o Rei D. Pedro, mas plebeu pela parte da mãe, que é o candidato do Povo. A argumentação do jurista João das Regras exclui D. Beatriz e os filhos de D. Pedro e de Inês de Castro e apresenta a seguir D. João, Mestre de Avis, cujas acções são a grande recomendação para a eleição. Mas o que interessa não é a pessoa, é o significado do acto – a Burguesia, sustentada pelo Direito Romano novo, que de Bolonha se estava estendendo por toda a Europa, obtém a vitória.

Os discursos de João das Regras, pelo esquema apresentado em Fernão Lopes, são belos, persuasivos, mas duros e implacáveis para com os adversários.

As decisões das Cortes de 1385 marcam, na sua variedade e poder, a decisiva influência burguesa na direcção da política central. São as Cortes que nomeiam o Conselho do Rei, impondo uma maioria burguesa: quatro letrados e quatro representantes dos Concelhos, num total de catorze membros.



Elas decidem a sua própria convocação anual. Estabelecem que nem sisas, nem questões de paz ou de guerra, possam assentar-se sem sua expressa deliberação. Comprometem-se a obter e dar ao Rei 400 000 libras - a libra era uma unidade de conta que correspondia a 20 soldos e tendo o soldo o valor de 12 dinheiros (9 dinheiros novos), temos que a libra correspondia a 240 dinheiros (180 dinheiros novos) e assim aquela quantia de 400 000 libras corresponderia a 96 milhões de dinheiros (72 milhões de dinheiros novos) – correspondente a 800 000 reais de D. João, Defensor e Regedor do Reino, dado o curso legal de 10 soldos de cada real e, por conseguinte uma libra ser o equivalente a 2 reais (20 soldos) - para despesas de guerra. E numa grande sequência de pendências económicas, políticas, administrativas, dão satisfação às exigências burguesas e atingem gravemente os privilégios da Nobreza e do Clero.

Finalmente, a luta militar revela a intervenção predominante de forças militares não-nobres. O que encontramos na nova tática é a infantaria, são os peões, são as forças populares. As circunstâncias obrigam a essa nova tática – depois da fuga da Nobreza, como, onde e com que tempo se poderia preparar novos cavaleiros e ministrar-lhes o conhecimento da luta a cavalo? Mas o que mais pesou nas decisões do Povo, foi o facto de se tomar consciência que um cavaleiro isolado se derruba com facilidade, que bons besteiros enfrentam perfeitamente o ímpeto do cavalo e desorganizam mesmo grupos que avancem com coesão.

Os peões perceberam que enquanto o cavaleiro combate individualmente, a infantaria combate em conjunto e que a cavalaria não estava preparada para enfrentar o bando e o tropel da infantaria. O que traz de novo a tática da infantaria é que supõe uma organização muito mais perfeita que a da guerra medieval que apenas consistia, no fundo, em atirar-se para a frente com artojo.



Real de Prata D. Fernando

Segundo Fernão Lopes, à data da morte de D. Fernando, circulavam *reais* de prata emitidos em nome deste monarca, mas o cronista omite o valor nominal que teriam. De toda a maneira, o curso legal de dez soldos parece ter sido o atribuído do princípio pelo Mestre de Avis aos *reais* homólogos que mandou lavar na qualidade de Regedor e Defensor do Reino.



Real 10 Soldos D. João Regedor do Reino



Do ponto de vista tipológico, os *reais de dez soldos* do Interregno são reproduções dos últimos *reais* de prata de D. Fernando, em que o monograma IHNS substituiu a sigla FR e em que se recorreu a um curioso artifício para simular a coroa, que o Mestre não poderia legalmente usar.



Armas de D. João Mestre de Avis

Como refere Gomes Marques «tal artifício consistiu em inscrever acima da sigla dois pequenos traços horizontais com as extremidades viradas para cima e, a meio, a cruz da Ordem de Avis que D. João chefiava, a imitar, de um modo relativamente satisfatório, o florão central da insígnia da realeza».

Nestes dois anos, o lavramento destes *reais* verificou-se em Lisboa e no Porto, tendo ainda sido emitidas pequenas quantidades de meios reais ou de reais de cinco soldos pela Casa da Moeda de Lisboa.

Os primeiros *reais*, lavrados provavelmente no primeiro trimestre de 1384 em Lisboa obedeceram à lei de nove dinheiros (a prata pura tinha a lei de doze dinheiros) e possivelmente à talha de 72 em marco (um marco de prata daria para 72 moedas). Durante o Interregno, isto é, até 6 de Abril de 1385 (data da coroação de D. João como rei), o real sofreu duas degradações, concretizadas por abaixamentos da lei, primeiro para 8 dinheiros e depois para 6 dinheiros. Nestes últimos já cunhou a Casa de Moeda do Porto.



D. Afonso V



A PERMUTA

O direito de emissão de moeda legal, designado por *jus monetæ*, no Interregno, incluía o direito de cunhar as moedas em nome do soberano e designa-se por *Protectio sive tutela*, modalidade que autorizava a produção de moeda por ordem das entidades que governavam o estado ou nele exerciam o poder, como governadores ou protectores, no decurso de fases de interregno ou em ciclos de inaptidão temporária dos soberanos, provocada por menoridade, insanidade, detenção ou quaisquer outras razões.

Em toda a numária medieval há apenas este exemplo, que é o da série de *reais* emitidos pelo Mestre de Avis como Regedor e Defensor do reino. O infante D. Pedro nunca mandou lavar moeda em seu nome durante a menoridade de D. Afonso V e o conde de Bolonha ( D. Afonso III ) também não o fez enquanto foi *procurador regni*.

Estes *reais de dez soldos* do Interregno terão circulado, pelo menos, até 1467. Segundo a crónica de D. João I, de Fernão Lopes, estas moedas foram feitas com prata pertencente às igrejas e, por isso, eram-lhes atribuídas certas virtudes.



*Cunhagem de Moedas*

9

Maravilhe-se pois o amigo numismata, que tem a sorte de possuir uma destas moedas, ou de as poder observar em algum museu ou até mesmo tacteá-las, sentindo-lhes os relevos e as formas, por generosidade de algum coleccionador sortudo de, para além de as poder admirar como numismas, poder igualmente sentir emoções místicas.

Mas, pelo menos, lembrar-se-á sempre do berço em que nasceram, onde foram caldeadas, da história que transportam, filhas de uma das revoluções mais importantes de todo o mundo ocidental e o ponto de partida de uma aventura cosmonáutica dos portugueses que, de nau e caravela, alcançaram todos o cantos do planeta Terra.

*Continua...*





Segundo Damião de Góis, um dos mais consagrados cronistas da era das descobertas, a cunhagem do Português teria começado em 1499 nas oficinas de Lisboa com ouro proveniente de África embarcado nas nossas feitorias com destaque para S. Jorge da Mina, logo após o regresso de Vasco da Gama. Destinava-se orgulhosamente, a anunciar ao mundo quem fora o vencedor da corrida marítima para a Índia.

Para deste facto e de todos os outros feitos, dar notícia, ordenou D. Manuel I que se inscrevesse numa das páginas daquela monumental peça de ouro, os novos títulos adoptados pelo rei de Portugal, resultando na significativa e longa legenda disposta em dupla coroa circular a saber:



Damião de Góis

+ I : EMANVEL : R : PORTVGALIE : AL : G : VL : IN : U : C

CN : C : ETHIOPIE : ARABIE : PERSIE : IN : Ao centro dentro dum círculo liso as armas do reino, ladeadas por aneletes.



D. Manuel I

MANUEL I REI DE PORTUGAL DOS ALGARVES DAQUÊM E ALÉM MAR EM ÀFRICA SENHOR DA GUINÉ DA CONQUISTA; NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO DA ETÍÓPIA, ARÁBIA, PÉRSIA E ÍNDIA

Na face oposta, tal como nas alvas velas das naus e das caravelas que rasgaram as espúmeas ondas dos oceanos, foi gravada, apresentando-se como autêntica inovação, a cruz da Ordem de Cristo – cuja representação perduraria através de longos anos em muitas das nossas moedas, só se extinguindo com os alvares do século XX - rodeada pela legenda:

: IN : : HOC : : SIGNO : : VINCEES :

Que o mesmo quer dizer “Com Este Sinal Vencerás”, símbolo da Fé e do Império que fomos dilatando, nessa época em que Portugal se encontrava na vanguarda do Mundo, contribuindo como nenhum outro, ao que hoje poderíamos chamar para o engrandecimento do Espírito e da Ciência.

Para melhor avaliarmos não só do valor e prestígio, mas sobretudo da sua projecção no mundo de então, verificamos que em plenos séculos XVI e XVII, ainda se contrafaziam nas cidades da Liga Hansiática (aliança de cidades mercantis do norte da Europa e Báltico), os quais tomaram a denominação monetária de “Portugalösers” ou “Portugalóides”.

Estes serviram, já que se apresentavam com todas as características dos autênticos, para efectuar pagamentos nos mercados das Índias Orientais onde os indígenas, dada a prolongada permanência dos portugueses nessas paragens e a profusão das transacções efectuadas com esse dinheiro, provavelmente apenas aceitariam a nossa moeda como objecto de troca, tal o espanto e respeito que o mesma, desde logo, lhes havia suscitado.

A cunhagem do Português teve continuidade ainda no período governativo do seu filho D. João III, portador igualmente da extraordinária beleza que lhe era peculiar – agora mais vistosa, despidendo-se da sua sobriedade para se paramentar com as galas do Renascimento – até que o monarca, ordenou a





suspensão do seu fabrico por lei de 26 de Novembro de 1538, após queixas constantes, baseadas numa perda incalculável para a nação, dado o teor do ouro usado nessas emissões.

Assim terminava a vida auspiciosa de uma moeda que marcou profundamente a época gloriosa dos descobrimentos – a chamada Idade de Ouro de Portugal – mas que também teve a sua parte negativa sendo essa, a que nos propomos abaixo desenvolver, tão só pelas graves consequências que se vieram a verificar posteriormente.



12

Ao tempo, e por efeito das especiarias, porcelanas e de todo o tipo de produtos exóticos orientais que começam a chegar ao Reino, Lisboa torna-se um verdadeiro centro cosmopolita do comércio mundial, para onde convergem estrangeiros que de imediato se instalam entre nós com agências bancárias sobretudo os alemães, flamengos e italianos.

Os mercadores portugueses afinam-se então como grandes negociadores realizando operações cambiais em várias praças, o que os transforma em homens poderosos e detentores de fortunas incalculáveis.

Para termos uma ideia dos valores que se transacionavam e da azáfama que então se vivia, não resistimos a transcrever um testemunho presencial que Damião de Cóis, na sua crónica do Rei Venturoso nos deixou:

*«Em tanto que eu vi muitas vezes na casa da contratação da Índia mercadores com sacos cheios de moedas d'ouro, e prata para fazerem pagamentos de que deviam per conta das especiarias que compravam o qual dinheiro lhe diziam os officiaes que tornassem outro dia, porque não havia tempo pêra o então contarem que tanto era a soma que se recebia todos os dias»*



Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel

Assiste-se a uma autêntica euforia em que as riquezas, o luxo, a abundância e tudo o que até então fora inacessível, fazem de Portugal o centro das atenções das outras cortes europeias.

Leão X, entre outros, é surpreendido em finais de 1513 por uma embaixada portuguesa onde no meio



das mais luxuosas ofertas incluindo provavelmente algumas dessas moedas, pontificava um elefante que fez as delicias do papa e da população de Roma.

A corte manuelina oferecia ao povo da capital – que entretanto, trocava o trabalho pelo ócio e pelo divertimento – espectáculos dignos da época imperial da Roma Antiga, tal como um famoso duelo entre um elefante e um rinoceronte.

Dado que tudo constituía sinal de riqueza, houvera poderosos que se permitiam coleccionar os ditos animais, transformando as suas casas em verdadeiros Jardins Zoológicos.

D. Manuel seguia-lhes o exemplo nestas autênticas excentricidades, fazendo-se acompanhar – quando cavalgando por Lisboa – por quatro elefantes que caminhavam à sua frente segundo referência Damião de Góis.

Vivia-se na maior das luxúrias, cometiam-se as maiores loucuras com gastos supérfluos e desregados, mas o povo nada beneficiava com a prosperidade existente, continuando pobre e sobrecarregado de impostos.

Estátua D. João III em Coimbra



Papa Leão X

Dos factos atrás apontados, surge uma particular crise moral a qual aliada a posteriores situações governativas daí decorrentes se viriam a revelar desastrosas e que conduziram invariavelmente, agora a uma crise económica e que não mais foi possível inverter.

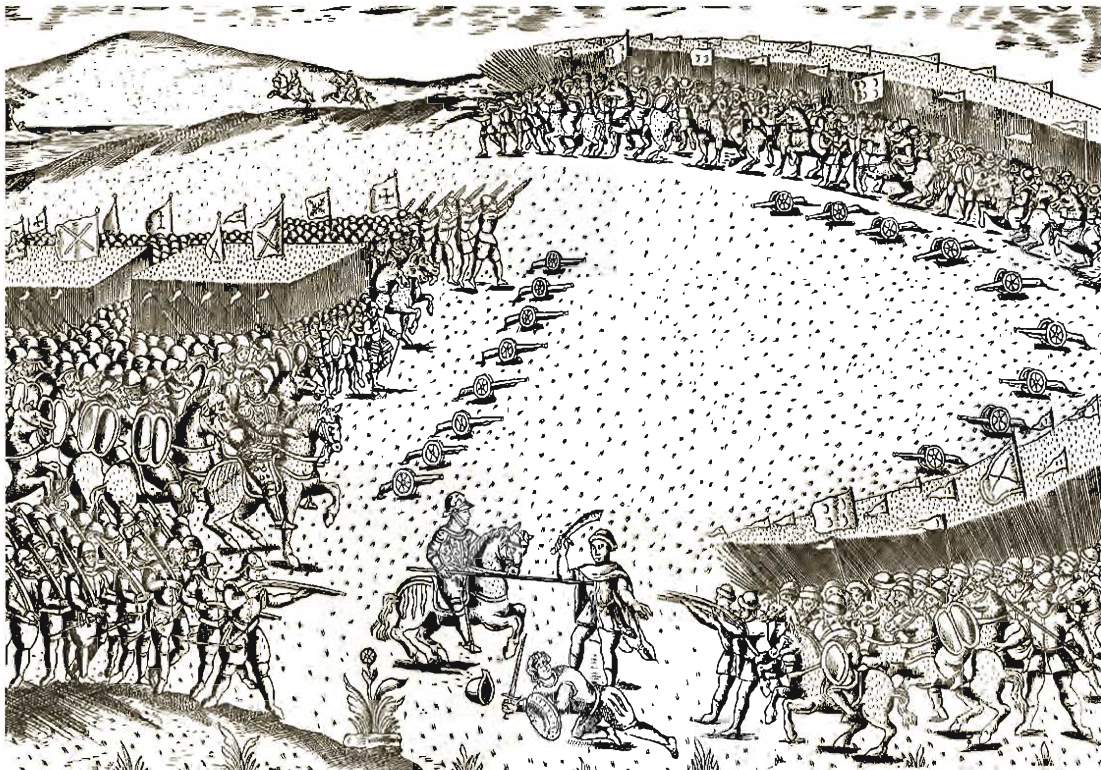
A subida ao trono de D. João III em nada contribuiu para alterar a situação, pois ao estabelecer em Portugal em 1531 a Inquisição e por via dos abusos que se cometeram em nome da santa doutrina, não só sobre os judeus, mas sobre todos o que não seguissem as rígidas regras que a mesma impunha, acirrou o ódio religioso, perturbou a paz social e deu origem à fuga de milhares de descontentes com a situação, entre eles proeminentes figuras que viriam a estabelecer-se nos Países Baixos, França e Itália.

Os conselheiros do Rei não se mostravam à altura criando uma máquina estatal inadaptada às responsabilidades exigidas em especial para gerir as receitas provenientes do monopólio do Oriente, o que viria de imediato a ser aproveitado pelos nossos rivais, talvez com a colaboração desses emigrantes, detentores do saber e quicá de alguns segredos muito importantes.

Assistiremos, logo após ao curto reinado de D. Sebastião – a que Alcácer Quibir dramaticamente pôs fim, qual sonho desfeito, por insensata expedição e aos efémeros governos que se seguiram, terminando com o de D. António, que por força das circunstâncias e do seu patriotismo se



veio a exilar em Paris – não só à lenta decadência da riqueza e opulência que antes ostentáramos, mas também à perda do nosso estatuto, como Nação livre, conduzindo-nos ao interregno da independência que se prolongaria por longos e penosos 60 anos, sob o domínio filipino.



*Batalha de Alcácer-Qũbir*

**BIBLIOGRAFIA:**

*Maria Cristina Mota Gomes, O Português. Moeda de Prestígio Internacional, Banco de Portugal 2007;*

*Miguel Figueira de Faria, Coleção Numismática do Banco Mello – História e Património, Lisboa, 1997;*

*História de Portugal – Direcção de José Mattoso, Edição Círculo Leitores;*

*Colecção Banco Espírito Santo (Colecção Carlos Marques da Costa), Lisboa, 2008.*



# O reino vegetal na numismática

por Jaime M. M. Ferreira

A representação do reino vegetal (arbustos, plantas, sementes, folhas, flores, fibras, frutos, árvores, etc.), em moeda, não é recente.

Uma conotação entre o Reino Vegetal e a Numismática pode observar-se já desde 470-375 A.C., em tetradracmas da Cirenaica com a representação do *Silphium* ou *Laserpicium*, uma planta da família das Umbelíferas já extinta.

Também são conhecidas ervas cujos nomes se ligam a moedas, tais como a erva-tostão (desig. cient. *Boerhavia hirsuta*, Lin.), erva-vintém (*Drymaria cordata*), etc., ou correlacionadas, tais como erva-de-conta ou contas-de-lágrimas (desig. cient. *Arrhenatherum elatius*), erva-moedeira (desig. cient. *Lysimachia nummularia*), e erva prata (desig. cient. *Paronychia argentea* Lam.)

No próprio desenho, configuração e estilização da moeda, muitos elementos há que nos remetem para o reino vegetal: florões, rosetas, rosáceas, pedúnculos, trevos, etc.

Por fim e a não esquecer, a célebre “árvore das patacas”.



Representação provável do *Silphium* em moeda:  
Robinson ESC, *A Catalogue of Greek Coins in the British Museum*  
-Cirenaica, vol. 29, Oxford University Press, London, 1927

## 1. Um caso histórico: O Sílfi

O símbolo inconfundível das moedas de Cirene — colónia grega fundada talvez em 631 A.C. por colonos dáricos de Tera (Santorino) na costa setentrional da África — é a planta de sílfi (da família das Umbelíferas). Na época, era frequente ao longo da costa da Cirenaica, da Sirtica e nos fabulosos jardins das Espérides o sílfi, planta que tinha propriedades terapêuticas e, acreditava-se ter virtudes mágicas. O seu suco era comprado a peso de ouro, sendo conservado no tesouro público nos templos. Os médicos Cláudio Galeno (Pérgamo, c. 131-Sicília, c. 200), Pedâneo Dioscórides (c. 40-90 D.C.) e Hipócrates (Cós, 460-Tessália, 377 A.C.) falaram sobre o sílfi. Nas receitas do gourmet Apício<sup>1</sup>, o emprego do *laserpicium* (nome romano do sílfi) é realçado. O Sílfi desapareceu, engolido pelo tempo; porém, nas tetradracmas da Cirenaica, a planta está imortalizada com as respectivas flores e frutos.



A representação do *Silphium* em moedas da Cirenaica (... na actual Líbia), demonstra a sua importância económica e cultural na região.

Aparentemente, o *Silphium* só crescia numa área restrita com aproximadamente 200x50 Km<sup>2</sup>, ao longo de uma área litoral estreita, nos planaltos costeiros do Cirenaica.

Plínio escreveu que o *Silphium* poderia ser usado numa variedade de condições, incluindo o tratamento da hanseníase, para restaurar o cabelo, limpar placenta retida desde o ventre materno e como antídoto para venenos.

O *Silphium* extinguiu-se no séc. I d.c., e Plínio «o Velho» descreveu-a como "um dos mais preciosos dons da natureza para o homem." Durante a época romana, foi considerado como valendo "o seu peso em denários", por causa da escassez e das variadas utilizações médicas.

Na sua *História Natural* o mesmo Plínio refere que o último ramo foi oferecido ao Imperador Nero "como uma curiosidade". A perda de *Silphium* de Cirene, na Cirenaica, foi muito lamentada em Roma. Este é, provavelmente, o primeiro registo histórico de extinção de uma planta.

Outras plantas, também conhecida como *Silphium*, crescem em outros locais em torno do Mediterrâneo, mas foram consideradas de qualidade inferior.

Algumas das melhores representações conhecidas do *Silphium* são as imagens estilizadas em moedas antigas da Cirenaica (na actual Líbia). A planta foi avaliada nos tempos antigos, pois muitos de seus usos como fonte de alimento, tempero para o alimento, e, mais importante como medicamento. Perfumes foram feitos das suas flores e o caule foi utilizado para a alimentação (condimento) ou forragem, enquanto o suco e a raiz foram usados para fazer uma variedade de poções medicamentosas; também foi usado como contraceptivo antigo.

Acabou sendo colhido até a extinção, e a competição comercial entre Cartago e Alexandria reduziu também o comércio da cidade (... de Cirene).

Os gregos acreditavam que a planta fora um presente de Apolo, que apareceu depois de uma tempestade de chuva forte que inundou a área à volta da cidade de Cirene, fundada no século VII a.c. Há evidências claras de que o *Silphium* foi usado mais cedo no Egipto e até mesmo na Grécia; supostamente não terá resistido às tentativas de cultivo e transplante, o que fez dela uma das principais fontes de receita que contribuiu para a riqueza do Cirenaica.

No séc. XIX, a Academia Francesa de Ciências enviou uma missão à Líbia (Cirenaica), na tentativa de encontrar o lendário *Silphium*, mas sem resultados.



*Silphium* (moeda do Museu Bode, de Berlim)



470-375 a.c. - Moeda de Cirene («ΚΥΡΑ»), de AR: desenho e fotografia  
c/ cabeça de Zeus Amon (Avv./) e *Silphium* (Rev./)

322-277 a.c.





*Didracma de AR, de Rodas, com a cabeça de Apolo (Anv./) e o Silphium (Rev./)*

## 2. Extinção do Sílfió

Alguns autores acreditam que o *Silphium* é a assa-fétida (*Ferula assa-foetida*) e que, como tal, não se encontra extinta, mas é provável que fosse, de facto, uma espécie distinta (comparando os registos pictóricos que restam com os exemplares actuais de assa-fétida).

A razão para a extinção do *silphium* não é inteiramente conhecida.

Há muita especulação sobre a causa da sua extinção: uma procura anormal e acentuada pelos animais que pastavam a planta, pastoreio combinado com excesso de colheitas, desertificação do Magrebe, entre outras,... podem ter conduzido à sua extinção.

Teofrastos diz-nos que nos relatos que consultou, o tipo de férula designado especificamente como sendo o "*Silphium*", era ímpar e crescia somente no estado selvagem, não podendo com sucesso ter crescido como se fosse "colheita do solo".



*1/2 estáter ou dracma de ouro de Cirene (4,27 g)*



*Antiga moeda da Creta com a representação do fruto coradiforme do Sílfió*

## 3. Vegetais e Pré-Numismática

Apesar de muitas pré-moedas terem circulado ao mesmo tempo que a própria moeda metálica, não pode omitir-se o importante papel das fibras vegetais que entravam na composição dessas pré-moedas.

As fibras vegetais, que são filamentos naturais (em feixe ou não) em que predomina a dimensão longitudinal, fazem parte da composição dos tecidos orgânicos de natureza vegetal. As fibras vegetais obtêm-se a partir de raízes, talos, folhas, frutos e sementes de diversas plantas, e costumam classificar-se segundo a sua origem; fazem parte de muitos objectos utilizados como pré-moeda e dinheiro tradicional.

Assim, além das peças de tela, intervêm na manufactura de outros elementos tais como os tevaú das Ilhas de Santa Cruz e de variados tipos de colares de contas, de conchas na Oceânia (*rongo*, *tau-tau*, *diwarra*, etc), de colares de dentes, em África, etc. (colares, telas, mabelas, tukula - discos ou pastilhas de madeira odorífera *Baphia nítida* L., etc.) e noutras regiões<sup>2</sup>.



#### 4. Vegetais na Numismática

Os elementos mais preponderantes do reino vegetal são: sementes, folhas, frutos, flores, arbustos e árvores. Todos eles se encontram representados em moeda. E em que parte da moeda?

... Numa face, nas duas faces e até mesmo nos bordos.



*Florões e pedúnculos em moeda portuguesa*

*(cat. Alberto Gomes, 2006)*

Não podendo ser exaustivos, apresentaremos contudo, casos exemplares dos itens anteriores, de que acabamos de falar.

18

#### • Arbustos/Plantas

Cirenaica (Sílfio, tetradracmas) – Vide rubrica anterior;

Ilhas Reunião (Cana-de-açúcar, 2 Francos, 1948);



Moçambique (independente): 2,50 meticais, 1975.



#### • Árvores

Arábia Saudita (Palmeira, 2010);

Biafra (Palmeira e manilha; 1969, 1 shilling);





Dubai (Palmeira, AV, 2010);



Dubai, AV (999,9%) 2010

Itália e Portugal (Sobreiro, Presidência da União Europeia, 2007);

As moedas de 20 liras italianas, como a de 1957, antes da entrada da moeda única (€), tinham cunhado no verso um ramo de *Quercus suber* (sobreiro), espécie a partir da qual se produz a cortiça.



Sobreiro (*Quercus suber*) em moeda italiana (1957) e em moeda portuguesa (2007)

Aquando da Presidência da União Europeia (2007), Portugal mandou cunhar uma moeda comemorativa desse evento, onde está cunhado um sobreiro (*Quercus suber*).

Portugal (Conselho da Europa – Mundo Rural, 10\$, 1987);

Portugal (Sândalo de Solor e Timor, 1995, 200\$, VI série Descob. Portugueses);

Nigéria (Dendezeiro ou palmeira-de-óleo africana, *Elaeis guineensis*) - 10 kobo, 1991);

“Árvore das patacas” – Conceito de riqueza e grandeza;

Etc.



• **Sementes**

Ghana (20 Pesewas, 1967);



1967, 20 pesewas, Lat.

Irão (F.A.O., «FAO ROME – CERES»);



México (...);

Etc.

• **Fibras**

Em muitas pré-moedas: esteiras, coberturas, telas, colares, etc. Vide rubrica anterior.

• **Folhas**

Alemanha (Folha de faia: 20 €, 2011);



Benim (100 francos CFA, de AR);



BENIM (100 francos AR, c/ Cannabis Sativa, 2010, Ø 38,61 mm)



Canadá (Plátano, Maple Leaf);  
 EUA (1 dime, Folhas de carvalho e oliveira);  
 Portugal (Folhas de videira, Alto Douro Vinhateiro, 2,50 euro, 2008);  
 Etc.

• Flores

África do Sul (10 c, Ø 15 mm, 1999);



Cabo Verde (flores...): 5 escudos (“Contra-bruxas”), 10 esc. (“Língua de vaca”), 20 esc. (“Carqueja”),  
 50 esc. (“Macelina”) e 100 escudos (“Saião”);



Cabo Verde – Aversos



Cabo Verde – Reversos

Coreia do Norte (2002);

Singapura (Plantas e flores tropicais: série de 1, 5, 20 e 50 cêntimos e \$1 dólar);



Singapura: série com várias flores



### • Floresta

Portugal (Floresta Laurissilva da ilha da Madeira, 2007, 5 €, AR 500‰, Ø 30 mm, 14 g);



Série: PATRIMÓNIO MUNDIAL

Escultor: Ricardo Veloso

Decreto-lei nº 22/2007, de 1/Fevereiro.

### • Frutos

Finlândia (Amora silvestre ou ártica: 2 €, 1999) – A planta da amora silvestre, com suas flores e frutos, aparece nas moedas bimetálicas deste país.



2 EURO – Finlândia

A *amora silvestre* também chamada de amora ártica é um fruto de uma longa tradição na Finlândia, onde é tradicionalmente consumida juntamente com um queijo local chamado “*Leipäjuusto*”.

Canadá (Pinhas de Natal 20 dólares, 2010?);

Portugal (Maçaroca de milho, 1983, F.A.O., 2\$50);

Portugal (Espiga de cereal, estilizada, 50.º Aniversário da F.A.O., 1945-95, 100\$00);

Etc.

### • Plantas e Frutos

Canadá (Jade verde, tipo *Crassula*, 1 cent, 2006);

Portugal (Planta do cravinho e fruto da noz-moscada; Ilha das Especiarias – Molucas, 1995, 200\$, VI série dos Descobrimentos Portugueses);

Japão-Brasil; (moeda com desenhos de ramos entrelaçados de cerejeira e de café, e frutos);



Moedas de AV, do Japão e do Canadá

Etc.



• **Ramos**

Alemanha (Ramos de carvalho; Ano Internacional da Biodiversidade - Numismática e Simbolismo, 2 cent de €, D 2002);

– Portugal (“III”, “V”, “X” e “XX” réis): em vários reinados da 4ª dinastia há moedas com ramos de carvalho português e ramos de louro, no reverso;



*Moedas de D. Luís de «III», «V», «X» e de «XX» réis, tendo no reverso ramos de carvalho português (*Quercus faginea*) e ramos de louro (*Laurus nobilis*)*



*Ramos de carvalho  
(escudo português e moeda alemã)*



*«ONE DIME» dos E.U.A., de 1995, com ramo de Carvalho (*Quercus robur*) e um ramo de Oliveira (*Olea europaea*).*

Croácia (Ramo de oliveira, *Olea europaea*) - Moedas de 20 lipa, 2007;

França (Ramos de oliveira, *Idem*);

Japão (Ramos entrelaçados de cerejeira e de café); etc.



De registar ainda as tulpas, que podem visualizar-se nas moedas com serrilha «colar de tulpas (... ou «espinha de peixe»), nas grinaldas de tulipas (em moedas de cobre brasileiras) e só como tulipas (em moeda portuguesa).

Estes pequenos exemplos dão uma pálida ideia da presença do Reino Vegetal no mundo da Numismática.

### 5. “Vegetais Monetários”

Não conseguimos apurar as razões por detrás dos nomes seguintes:

- Erva-chumbo (desig. cient. *Avicennia alveolata*);
- Erva da fortuna ou trasdescancia (desig. cient. *Tradescantia fluminensis*);
- Erva de conta ou “contas-de-lágrimas” (desig. cient. *Arrhenatherum elatius*);
- Erva-ferro (desig. cient. *Vandelia deffusa*, L.);
- Erva-moedeira (desig. cient. *Lysimachia nummularia*);
- Erva-prata (desig. cient. *Paronychia argentea* Lam.);
- Erva-prata das praias (desig. cient. *Choetonychia cymosa*);
- Erva prateada - O mesmo que orvalho;
- Erva-tostão (desig. cient. *Boerhavia hirsuta*, Willd), da família das Nictagenáceas; planta rasteira nativa do Brasil);
- Erva-vintém (desig. cient. *Drymaria cordata*);

“Em Cabo Verde... juntam em molhos de dez a doze folhas (... de tabaco) que vendem por um vintém.” Talvez daí advenha o nome.

24

### 6. Madeira, material paramonetário

A madeira desempenhou um papel embora pouco importante, na Numismática, Medalhística, na Tesserologia e até em Metrologia (há conhecimento dos Árabes terem utilizado pesos de madeira, que designavam por *adalas*)<sup>6</sup>.

Algumas expressões de textos clássicos fazem supor que os próprios Romanos se serviram de moedas de madeira nos primeiros tempos; contudo, essas passagens referem-se antes a tésseiras e não a verdadeiras pré-moedas ou moedas mesmo<sup>7</sup>.

Pré-moedas de Bizâncio e da Mongólia foram também fabricadas neste material paramonetário.

Também no Brasil há algumas notícias de alguns trabalhos feitos em madeira, com ligação à Numismática ou à Medalhística. O falecido Kurt Prober (1909-2008) dá notícias dessas “coisas”:

Em minha coleção existem desta raridade exemplares em PRATA, COBRE, CHUMBO, ESTANHO e uma prova de cunho estampada em MADEIRA (guarabú) pelo diretor SOBRAGY da Casa da Moeda. Abusivamente se cunhou um 2<sup>o</sup> exemplar em OURO, que mais tarde apareceu em mãos do Cons. Zacharias de Góis e Vasconcelos, e que em 1966 foi vendido ao Museu Imperial de Petropolis.

(Kurt Prober, in *História do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil*, I, p. 151)

Nos finais do séc. XIX surgiu em França a *bois durci* (madeira endurecida)<sup>8</sup> de que se fizeram muitas medalhas de qualidade e estética excepcionais.

No próprio séc. XX há conhecimento de muitas fichas de jogo terem sido feitas de madeira, antes da massificação do uso dos plásticos.





*Medalha em bois d'urci (madeira endurecida)*

*D. Pedro V, 1861 - Ø 73 a 75 mm*

*Col. Pizarro Bravo*

Os níqueis de madeira são muito populares entre os colecionadores dos E.U.A., onde são produzidos por toda a espécie de acontecimentos, de importância quer local, quer mesmo nacional. São tokens, maiores que as moedas vulgares e têm desenhos impressos a cores, em ambas as faces. Gozam de uma validade limitada, sendo normalmente transaccionáveis por dinheiro, mercadorias ou serviços, e num período limitado. A ideia dos níqueis de madeira surgiu nos anos da Grande Depressão (1929), quando foram emitidos tokens ou fichas para pagamento aos desempregados e aos mais carenciados, sendo trocáveis por alimentos, alojamento, vestuário, etc.

## 7. **Árvore das Patacas**

Em épocas recuadas, a Índia e Angola foram terras onde cresceriam as “árvores das patacas”.

ÁRVORE DAS PATACAS é a analogia com a árvore do dinheiro da Índia, só que neste caso os «frutos» eram patacas; o mesmo que árvore do dinheiro.

No séc. XVI, quando os conquistadores espanhóis chegaram ao México, os grãos de cacau (pré-moeda) faziam as vezes de moeda. Os cronistas notaram, com assombro: “... O dinheiro crescia nas árvores!”

O pau-brasil, que deu o nome definitivo a um país – o Brasil –, na hipótese mais corrente tornou-se a mais afamada “árvore das patacas”.

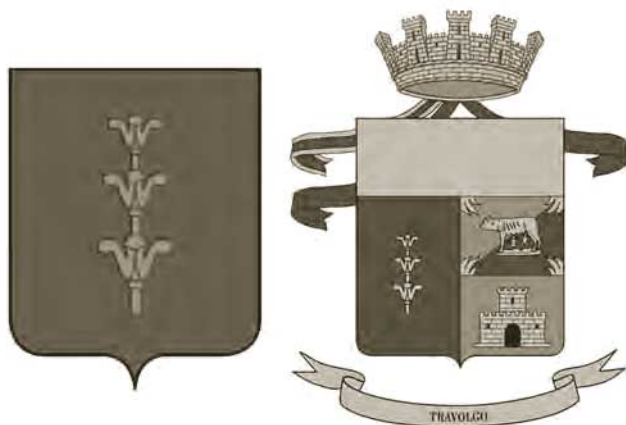
Todos viam o Brasil distante e sonhavam como a “árvore das patacas”. A imagem do torna-viagens bruto, selvagem e rico está ligada a uma concepção do Brasil com a “árvore das patacas”, lugar de infinita riqueza e potencialidades; uma espécie de *El Dorado*. “Árvore das patacas”, era o mito dos que emigravam para o Brasil ainda nas décadas 30/40 do século passado.

*Plantação de Pau-brasil*



## Apêndice final: O Sílfo na Numismática

Na heráldica militar italiana o *Sílfo d'oro di reciso Cirenaica* (o Silphium da Cirenaica) foi o símbolo concedido às unidades que lutavam nas campanhas no Norte da África, durante a 1ª G.C.



Heráldica militar italiana, com o Sílfo representado

26

1 – *Marcus Gavius Apicius* ou simplesmente *Apício*, gastrónomo romano do séc. I d.C., suposto escritor da obra *De re coquinaria* (“Das coisas da Culinária”), a melhor fonte para se conhecer a gastronomia do mundo romano. Viveu na época dos imperadores Augusto e Tibério.

2 – *Isto é Dinheiro*, 2001, p. 59-63.

3 – *Supplement aux Dictionnaires Arabes*, II, Leiden, 1886.

4 – *Lefebvre, Manuel de Numismatique*, 1860, pp. 39-40.

5 – *A Madra Endurecida* (*Bois Durci*, em francês; *hardened wood*, em inglês), foi uma invenção do compositor francês François Charles Lepage (séc. XIX), que garantiu a patente em Inglaterra (UK, Patent No. 2232).

### BIBLIOGRAFIA:

Bundesministerium der Finanzen, *Prägefrisch.de*, n.º 1/2011, ed.;

Editora Globo, *Moedas de todo o mundo*, 1989, ed. Editora Globo;

Alberto Gomes, *Moedas Portuguesas*, 2006, ed. ANP, Lisboa;

Internet – Vários sites;

Miguel Marques, *Dicionário – Plantas e Animais*, 2005, ed. Edições Sílabo, Lisboa;

Fundação Pedro Narrié de la Maza, *Esto es dinero: de los orígenes al euro*, 2001, Madrid.

Luís Rebelo de Sousa, *Moedas de Angola*, Banco de Angola, 1968, Luanda;

Robinson Esg., *A Catalogue of Greek Coins in the British Museum - Cyrenaica*, vol. 29, Oxford University Press, 1927, London;

José Valécio, *Moedas Comemorativas Portuguesas*, ed. do Autor, imp. Bubok Publishing S. L., 2010;

Wikipedia, Enciclopedia: Termos: a) Apício; b) Cirene (cidade); c) datas históricas.



# Uma interessante medalha da Cruz Vermelha ...

por Henrique Nogueira

Foi publicado há poucos anos na “Permuta” um artigo que pretendeu ser uma iniciação ao estudo das condecorações.

Datam de 21 de Janeiro de 1893 as primeiras medalhas da Cruz Vermelha destinadas a galardoar serviços prestados aos militares feridos, nos hospitais e ambulâncias da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, reformada por Decreto de 31 de Maio de 1913, alargando-se o seu âmbito a acções humanitárias mesmo fora dos conflitos militares.

A medalha denominada de “Serviços Distintos” atribuída em operações de guerra ou expedições, foi também entregue para premiar funções de direcção em situações de gravidade excepcional, realçadas pelo uso de “passadeiras” carregando as fitas, ostentando a data e o facto que a motivou.



#### Descrição:

Face: Cruz da Convenção de Genebra.

— SERVIÇOS DISTINTOS - INTER ARMA CARITAS

Verso: Coroa de folhas de oliveira envolvendo a inscrição.

— SOCIEDADE PORTUGUESA DA CRUZ VERMELHA

Em cobre; Mod. 32 mm; com argola

Fita de seda branca, ondeada, com duas listras vermelhas verticais. Cinco passadeiras de metal.



Vejamos qual o interesse desta medalha.

São cinco os acontecimentos a que se refere, três deles no período a seguir à implantação da República, que Eça de Queiroz chamou de forma profética de “Balbúrdia Sanguinolenta”.

1) Na sequência da tímida ditadura de Pimenta de Castro, que pretendia pôr ordem no país, o pseudo democrata Afonso Costa apoiado pela Maçonaria e pela Carbonária, revolta-se.

O 14 de Maio de 1915 é a reedição do 5 de Outubro. Marinheiros, soldados e populares pegam em armas. Os barcos de guerra no Tejo disparam contra a cidade de Lisboa e provocam o dobro do número de mortos que a revolução de 1910 conseguira fazer.

No Porto a revolta também se faz sentir. A fuzilaria entre as forças em presença e a atitude da polícia que nem os postos da Cruz Vermelha respeitava fazem inúmeras vítimas.

O governo de Pimenta de Castro é derrubado. Os heróis são Norton de Matos e Leote do Rego. João Chagas preside ao governo. Bernardino Machado é o novo presidente.

2) Sob a pressão dos “*Democráticos*” Portugal entra na Grande Guerra a 9 de Março de 1916. Em Janeiro de 1917 o Corpo Expedicionário embarca para França.

O exército está descontente. A guerra é impopular. A longa ditadura de Afonso Costa é contestada. Há sublevações.

A 5 de Dezembro de 1917, Sidónio Pais resolve pôr cobro às revoltas. Encabeça a revolução.

O governo é afastado. Afonso Costa, Norton de Matos e Leote do Rego exilam-se. Bernardino Machado é deposto. Adota-se o sistema presidencialista.



Sidónio Pais

3) Em 14 de Dezembro de 1918, Sidónio Pais é assassinado. A 10 de Janeiro de 1919 as Juntas Militares do Porto pretendem restaurar a monarquia.

No sul há igualmente movimentos que foram neutralizados até ao fim de Janeiro com a capitulação em Monsanto.

As incursões de Paiva Couceiro em Trás-os-Montes prolongam o conflito. De 19 de Janeiro a 13 de Fevereiro a Cruz Vermelha intervém instalando no Porto, Vila Real, Miranda, Régua e Lamego, vários postos auxiliando os feridos de ambas as partes, resultantes das escaramuças entre monárquicos e as colunas de milícias republicanas.

### **Ações Humanitárias Civis**

4) Em 1918, grave epidemia de “Gripe Pneumónica” assolou especialmente o norte do país, alastrando do mundo rural para as grandes cidades onde fez milhares de vítimas entre uma população



indefesa que sofria de graves carências.

Os grupos de intervenção da Cruz Vermelha na zona norte não hesitaram em seguir para as zonas mais mortíferas da epidemia, como Amarante, onde se tinham desenvolvido os primeiros focos.

##### 5) Finalmente o Naufrágio do Veronese

Era para a época um moderno paquete da Mala Real Britânica, de 7 000 toneladas. Saía de Liverpool e com escala em Vigo e no Porto rumaria à América do Sul com mais de duzentos passageiros.

O dia 16 de Janeiro de 1913 foi de rigorosa invernía e forte temporal. Devido à deficiente farolagem da costa, o navio frente à praia da Boa Nova chocou contra os rochedos e encalhou. O salvamento, devido ao estado do mar decorria com muita lentidão.

A capela da Boa Nova foi transformada em posto da Cruz Vermelha. Na fase final, ao terceiro dia, só com a acalmia do mar e a ajuda do salva vidas “Cego de Maio” foi possível terminar a operação com o resgate de todos os passageiros.

Nunca se tinha estabelecido com sucesso tal cadeia de solidariedade. A intervenção da Cruz Vermelha foi um exemplo para catástrofes desta natureza.

\*\*\*\*\*

Em 1997, quando adquiri esta medalha, contactei o Serviço Histórico Cultural da Cruz Vermelha no sentido de averiguar a quem teria pertencido.

Destacaram-se quatro pessoas que participaram na maioria destes acontecimentos e cujas identidades tenho no meu arquivo. Mas, apesar da exaustiva pesquisa efectuada não foi possível obter uma resposta conclusiva.

##### BIBLIOGRAFIA:

*História de Portugal*, Edição de Barcelos, Suplemento, 1954;

João Ameal, *História de Portugal*, Porto, 1974;

José Mattoso, *História de Portugal*, 6º volume, 1994;

Miguel Pinto, *A Delegação do Porto da C.V.P. Porto*, 1997;

O Tripeiro, *Os Grandes Naufrágios*, Porto, Abril de 2007.



# A Propósito de um “Conto para Contar”

por Henrique Nogueira

Os “Contos para Contar” são peças metálicas monetiformes, substitutos da moeda nas operações comerciais.

Foram criados para facilitar as operações aritméticas com a ajuda do ábaco, numa fase de transição da divulgação da numeração árabe (abandonando a romana que não permitia certas operações) e cuja generalização só se deu nos séculos XVII e XVIII.

Parece terem surgido entre nós no tempo de D. Fernando (ou de D. Dinis) a seguir à sua introdução em França em meados do século XIII.

Os “Contos” eram fabricados em oficinas, por cunhagem manual, como acontecia em Nuremberg, que inundou a Europa com eles, o que explica muitas das deturpações nas legendas e nas representações heráldicas.

Os “Contos” particulares circulavam ao lado dos oficiais embora estivessem sujeitos a algumas regras, como se vê em documentos da época, como o “Regimento dos Contadores de 1514”, na figura da “Casa dos Contos” e na do “Contador Mór”.



## Descrição do “Conto” :

**Face:** Escudo de fantasia, com bordos laterais abaulados. Quinas dentro de cinco escudetes em cruz acantonados com letras E invertidas.

Bordadura de 10 castelos.

Aneletes no campo, três em cada flanco e quatro em chefe.

Legenda entre dois círculos concêntricos:

+ . D (OMINVS). N (OSTER). IOANES :

I.I.I. (REX) PORT (VGALIAE ET) A (LGARBII)

Verso: Esfera armilar, ovóide, pouco cuidada.

Legenda entre dois círculos concêntricos :

+ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE (O)

(Divisa do rei D. João III, derivada de de D. Manuel)

Metal . Cobre (ou bronze)

Mod. 30 mm; Peso – 8,2 g; E.H.

Cunhagem manual

Muito bom estado de conservação.

**Comentários:** Este “Conto” não pertenceu à contabilidade do Real Erário. Falta-lhe a coroa real e a forma de fantasia do escudo de armas assim o dão a entender.

O pretense ineditismo resultou do facto de ter sido feita uma leitura incorrecta da inscrição, tomando a última letra por um  $\Lambda$  invertido “PORT $\Lambda$ ” quando se trata da primeira letra da palavra  $\Lambda$  (LGARBII).

**Consultar para este exemplar:** O Archeologo Português. Vol. X.. Out/Dez 1905; nº 10/12. Manuel Joaquim Campos (pág. 372/3 e gravura nº 10). Colecção de Julius Meili.

Para concluir, é oportuno condensar nesta nota a bibliografia principal para o estudo dos “Contos para Contar”.

– O Archeologo Português. Entre 1899 e 1914. Seis artigos – Vol. V, nº 2; Vol. V, nº6; Vol. VII, nº 12; Vol. IX, nº 7/10; Vol. X, nº 10/12 e Vol. XIX, nº 1/6.

31

– Numismática. C.N.P. Lisboa. nº 12 e 13; nº 31; nº 42/43.

– Teixeira de Aragão. Histoire Portugaise du Travail. 1867. Paris.

– Pedro Batalha Reis. Cartilha da Numismática Portuguesa. Vol. I. 1952. Lisboa.  
pág. 401/407 – Tesseractas e Est. XLIII – 51. 52. 53;

– Nummvs. S.P.N. Porto. Paulo de Lemos – I série – nº 2, pág. 97/106; nº 9, pág. 94/121 e nº 22, pág. 158/162. João Costa Lopes. nº 26/27, pág. 61/66.



# Notícias

## Plano Numismático para 2011

Para além das séries anuais — Flor de Cunho, Bebê, BNC, Proof e Moeda do Finalista — estão previstas as seguintes moedas comemorativas:

- Série Portugal Universal – Padre António Vieira. Ouro (FDC). ½ € . Escultor António Marinho;
- Série Europa – Exploradores Europeus. CN, AR e Ouro (Proof). 2,5 €. Escultor Baiba Shime;
- XXV Aniversário da adesão de Portugal e Espanha à União Europeia. . ½ €. Ouro (FDC); CN e AR (Proof). 10 € . Escultor João Duarte;
- 100<sup>a</sup> Aniversário dos Pupilos do Exército . CN e AR (Proof) . 2,5 € . Escultor José Viriato;
- 500<sup>a</sup> Aniversário do nascimento de Fernão Mendes Pinto. CN (BNC e Proof) . 2 € . Escultor Isabel Carriço e Fernando Branco;
- Património Classificado – Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico. CN e AR (Proof). 2,5 € . Escultor Paula Lourenço;
- Tesouros Numismáticos – O “Português” de D. Manuel. CN e Ouro (Proof). 7,5 € . Autor Andreia Pereira.

H.N.

## Literatura Numismática



**História do Sistema Bancário Português. Volume II.** Coordenação de Nuno Valério. Banco de Portugal, 2010.

Foi finalmente editado o 2<sup>o</sup> volume desta obra. Abrange o período entre 1931 e 1998, isto é, desde que o Banco de Portugal assumiu as funções de Banco Central até à adesão de Portugal à União Monetária Europeia.

Mantém, na análise da matéria, a orientação do volume anterior, situando-a num plano político, económico e monetário, integrado com os aspectos mais importantes da vida bancária da Europa e do mundo.

H.N.



# Exposições

Por ocasião de uma interessante exposição em Lisboa dedicada ao escultor João Duarte — 30 Anos de Medalha e Moeda — foi editado um catálogo pela I.N.C.M.

Como já temos referido, João Duarte, professor de escultura e medalhística da E.S.B.A.L., é fundador dos grupos Anverso Reverso e de Estudos Volte Face, dedicados à medalha contemporânea.

H. N.



Faça-se sócio da  
**SOCIETATE PORTUGUEZA DE NUMISMATICA**



Rua Costa Cabral, nº 664, 4200-211 Porto • Telf. e Fax: +351 225 096 029

## SENHOR ASSOCIADO

Os portes de cobrança ficam dispendiosos. Colabore mantendo um saldo, ou enviando anualmente no primeiro trimestre, o valor das suas quotas - 25€ para Portugal e 30€ para o estrangeiro - em cheque ou vale do correio.



## LEGISLAÇÃO



### MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PORTARIA N.º 188/2011 DE 9 DE MAIO

No âmbito do plano numismático para 2011, ficou a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A., autorizada a cunhar três moedas de coleção dedicadas a vários eventos ou efemérides.

Dando continuidade à série «Património da Humanidade», a cunhagem de uma moeda alusiva à paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico vem homenagear o picoense, que venceu as adversidades da natureza, plantando e protegendo a vinha através da construção de uma imensa malha de muros, que são hoje testemunho da sua história, constituindo um legado único, que, pela sua importância, se encontra classificado pela UNESCO como património mundial.

A comemoração do 100.<sup>o</sup> aniversário do Instituto dos Pupilos do Exército é um marco relevante na evolução geral do ensino e da instrução militar em Portugal, que deve ser devidamente assinalado, justificando-se amplamente a cunhagem de uma moeda dedicada a este tema.

No prosseguimento da série «Europa», afigura-se oportuna a cunhagem de uma moeda que recorde a proeza de dois grandes exploradores portugueses, Capelo e Ivens, que, através dos seus feitos, estabeleceram a tão desejada ligação por terra entre as costas de Angola e Moçambique, explorando vastas regiões do interior do continente africano.

A emissão, cunhagem, colocação em circulação e comercialização das três moedas de coleção é regulada pelo disposto no Decreto-Lei n.º 246/2007, de 26 de Junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 72-A/2010, de 18 de Junho, nos aspectos não regulamentados por normas comunitárias ou pela presente portaria. Foi ouvido o Banco de Portugal.

Assim:

Manda o Governo, pelo Ministro de Estado e das Finanças, ao abrigo do n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 246/2007, de 26 de Junho, na redacção introduzida pelo Decreto-Lei n.º 72-A/2010, de 18 de Junho, o seguinte:

#### Artigo 1.º

##### APROVAÇÃO DA EMISSÃO

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A. (INCM) fica autorizada, no âmbito do plano numismático para 2011, a cunhar e a comercializar as seguintes moedas de coleção:

- a) Uma moeda designada «Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico», integrada na série dedicada ao património mundial classificado pela UNESCO em Portugal;
- b) Uma moeda designada «Centenário dos Pupilos do Exército»;
- c) Uma moeda designada «Exploradores Europeus», integrada na série «Europa».

#### Artigo 2.º

##### CARACTERÍSTICAS E OUTROS ELEMENTOS DA CUNHAGEM

1 — As características visuais das moedas de coleção referidas no artigo anterior são as seguintes:

- a) A moeda «Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico» apresenta no anverso uma representação da vide emergindo das pedras vulcânicas, no campo superior direito indica-se o valor facial, no campo superior esquerdo figura o escudo nacional e na orla inscrevem-se a legenda «República Portuguesa» e a era; no reverso, como elemento de fundo, surge o cone vulcânico do Pico, parcialmente coberto por uma nuvem, no campo central figura um conjunto representativo de «curraletas», do qual ressalta uma folha de vide, na orla direita encontra-se a designação UNESCO, na orla esquerda apresentam-se a legenda «Açores» e o logótipo do «Património Mundial» e na orla inferior inscreve-se a legenda «Vinhos da Ilha do Pico»;
- b) A moeda «Centenário dos Pupilos do Exército» apre-



senta no anverso, no campo central, o escudo nacional, a representação da ponta de uma espada e o valor facial e na orla consta a inscrição da legenda «100º Aniversário do Instituto dos Pupilos do Exército»; no reverso, o campo central apresenta dois elementos que simbolizam esta instituição militar, a barretina e a espada, na orla esquerda figura a expressão «Querer é poder» e na orla direita inscrevem-se a legenda «Portugal» e a era;

c) A moeda «Exploradores Europeus» apresenta no anverso os ramos de uma árvore africana, o embondeiro, acompanhados de outros símbolos etnográficos daquele continente, o escudo nacional, o valor facial, a era e a legenda «Portugal»; no reverso apresentam-se os retratos dos dois exploradores e parte de um embondeiro que complementa o anverso da moeda, na orla superior direita consta a legenda «Exploradores europeus», do lado esquerdo encontra-se o logótipo da série «Europa»



e na orla inferior inscrevem-se os apelidos «Capelo e Ivens».

2 — O valor facial para todas as moedas de colecção a que se refere o artigo 1.º é de € 2,50.

3 — As moedas produzidas ao abrigo da presente portaria são cunhadas com acabamento normal e com acabamento especial do tipo «provas numismáticas» (*proof*), de acordo com o fixado no artigo 4.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho.

4 — As moedas com acabamento especial são devidamente protegidas e apresentadas em embalagens próprias.

### Artigo 3.º

#### ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

As especificações técnicas das moedas de colecção a que se refere o artigo 1.º são as seguintes:

a) As moedas com acabamento normal são cunhadas em liga de cuproníquel com teor de níquel de 25 % e uma tolerância de mais ou menos 1,5 %, têm 10 g de massa com uma tolerância de mais ou menos 3 %, o diâmetro

de 28 mm e o bordo serrilhado;

b) As moedas de prata com acabamento especial do tipo *proof* são cunhadas em prata 92,5 %, com uma tolerância de mais ou menos 1 %, têm 12 g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1,5 %, o diâmetro de 28 mm e o bordo serrilhado;

c) As moedas de ouro com acabamento especial do tipo *proof* são cunhadas em ouro com um teor mínimo de 99,9 %, têm 15,55 g de massa com uma tolerância de mais ou menos 1 %, o diâmetro de 28 mm e o bordo serrilhado.

### Artigo 4.º

#### LIMITES DE EMISSÃO

Os limites de emissão das moedas de colecção a que se refere o artigo 1.º são fixados do seguinte modo:

a) Relativamente à moeda «Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico» o limite é de € 262 500 e a INCM, dentro deste limite, é autorizada a cunhar até 5000 moedas em prata com acabamento especial do tipo *proof*;

b) Relativamente à moeda do «Centenário dos Pupilos do Exército» o limite é de € 262 500 e a INCM, dentro deste limite, é autorizada a cunhar até 5000 moedas em prata com acabamento especial do tipo *proof*;

c) Relativamente à moeda «Exploradores Europeus» o limite é de € 287 500 e a INCM, dentro deste limite, é autorizada a cunhar até 13 000 moedas em prata com acabamento especial do tipo *proof* e 2000 moedas em ouro com acabamento especial do tipo *proof*.

35

### Artigo 5.º

#### CURSO LEGAL E PODER LIBERATÓRIO

1 — As moedas cunhadas ao abrigo da presente portaria é conferido poder liberatório apenas em Portugal.

2 — Com excepção do Estado, através das Caixas do Tesouro, do Banco de Portugal e das instituições de crédito cuja actividade consista em receber depósitos do público, ninguém pode ser obrigado a receber num único pagamento mais de 50 destas moedas.

### Artigo 6.º

#### AFECTAÇÃO DAS RECEITAS

O diferencial entre os custos de produção e o valor facial das moedas «Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico», com acabamento normal, efectivamente colocadas junto do público pelo respectivo valor facial, é afecto, em 10 %, ao Fundo do Património Mundial da UNESCO, ao abrigo do nº 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho.



O Ministro de Estado e das Finanças, Fernando Teixeira dos Santos, em 6 de Abril de 2011.

Diário da República, 1.ª série—N.º 89—9 de Maio de 2011

PORTARIA N.º 185/2011 DE 6 DE MAIO

Decorrem entre 2009 e 2011 as comemorações do quinto centenário do nascimento de Fernão Mendes Pinto, figura da história portuguesa mundialmente conhecida pela sua obra *A Peregrinação* e pelas suas viagens — a quem se atribuem os primeiros contactos ocorridos entre o Oriente e o Ocidente — num período em que Portugal foi à procura de novos mundos, efeméride que é celebrada em conjunto com outras ações comemorativas levadas a cabo por diversas entidades. Nesta conformidade, a emissão comemorativa de uma moeda corrente evocativa deste acontecimento vem honrar a memória de uma das personagens históricas que mais contribuíram para a expansão de Portugal no mundo, em prol da identidade nacional. A presente emissão comemorativa de moeda corrente observou o teor da Recomendação da Comissão Europeia, de 19 de Dezembro de 2008, e o das Conclusões do Conselho para as Questões Económicas e Financeiras (ECOFIN), de 10 de Fevereiro de 2009, relativos às orientações comuns para as faces nacionais das moedas em euros destinadas à circulação. Aplicam-se a esta emissão comemorativa de moeda corrente todas as disposições europeias em vigor para as moedas correntes, nomeadamente as referentes às especificações técnicas, ao poder liberatório e às novas faces comuns das moedas de euro destinadas à circulação. A emissão, cunhagem, colocação em circulação e comercialização desta moeda corrente é ainda regulada pelo disposto no Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho, alterado pelo Decreto-Lei nº 72-A/2010, de 18 de Junho, nos aspectos não regulamentados por normas comunitárias ou pela presente portaria.

Foi ouvido o Banco de Portugal.

Assim:

Manda o Governo, pelo Ministro de Estado e das Finanças, ao abrigo do nº 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho, na redacção introduzida pelo Decreto-Lei nº 72-A/2010, de 18 de Junho, o seguinte:

### Artigo 1.º

#### APROVAÇÃO DA EMISSÃO

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A. (INCM), fica autorizada, dentro do volume de emissão de moeda

metálica aprovado pelo Banco Central Europeu, a cunhar, no ano de 2011, uma emissão comemorativa da moeda corrente de € 2, designada «500.º Aniversário de Fernão Mendes Pinto», e a proceder à comercialização das correspondentes moedas com acabamento especial.

### Artigo 2.º

#### CARACTERÍSTICAS E OUTROS ELEMENTOS DA CUNHAGEM

1 — As características visuais da emissão comemorativa de moeda corrente referida no artigo anterior são as seguintes:

a) Na face comum é utilizado o desenho europeu constante da Comunicação da Comissão Europeia nº 2006/C225/05, publicada no Jornal Oficial da União Europeia, de 19 de Setembro de 2006;

b) Na face nacional, no campo central, é utilizada uma composição dos elementos mais significativos e simbólicos da vida de Fernão Mendes Pinto: uma nau que navega sobre o mar, onde se elencam regiões de África e de Ásia e se referencia a sua obra *Peregrinação*, que é circundada pelas legendas «1511 FERNÃO MENDES PINTO 2011» e «PORTUGAL», envolvendo todo o desenho, encontram-se dispostas em forma circular as 12 estrelas que representam a União Europeia.

2 — É aprovado o desenho da face nacional da emissão comemorativa de moeda corrente referida no artigo anterior, que consta do anexo à presente portaria, da qual faz parte integrante.

3 — As moedas produzidas ao abrigo da presente portaria são cunhadas com acabamento normal e com acabamento especial, podendo ser do tipo «Brilhantes não circuladas» (BNC) e do tipo «Provas numismáticas» (*proof*), de acordo com o fixado no artigo 4.º do Decreto-Lei nº 246/2007, de 26 de Junho.

4 — As moedas com acabamento especial são devidamente protegidas e apresentadas em embalagens próprias.

### Artigo 3.º

#### LIMITE DA EMISSÃO

O limite da emissão comemorativa de moeda corrente a que se refere o artigo 1.º é de € 1 040 000 e a INCM, dentro deste limite, é autorizada a cunhar até 12 500 moedas com acabamento BNC e até 7500 moedas com acabamento *proof*.

O Ministro de Estado e das Finanças, Fernando Teixeira dos Santos, em 6 de Abril de 2011.

Diário da República, 1.ª série—N.º 88—6 de Maio de 2011



# Publicidade

Compra, Venda, Numismática, Filatelia, Galerias, Produtos, Livros, etc...

## **GALERIA FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DO PORTO**

**MOEDAS • NOTAS ANTIGAS • MEDALHAS • CARTAS E POSTAIS ANTIGOS • SELOS  
NUMISMÁTICA E NOTAFILIA ESTRANGEIRA • MATERIAL “FAROL” E “LINDNER”**

COMPRA

LIVROS PARA 2010

VENDA

World Coins • World Paper Money

Catálogo de Moedas e Notas de Portugal • Preçoário das Moedas - € 9,50

**ENVIAMOS À COBRANÇA**

**R. DO ALMADA, 307 • TEL.: 22 208 2192 • FAX: 22 200 0307 • 4050-038 PORTO**



**COMPRO / VENDO**

## **MOEDAS E NOTAS PORTUGUESAS**

**NOTAS POR ASSINATURAS**

Material de Apoio à Numismática e Notafilia  
Preços especiais para revenda

**CARMINDO DOMINGOS**

(sócio nº 2735)

Telf: 229 719 348 Telem: 919 766 255  
[carmindodomingos@gmail.com](mailto:carmindodomingos@gmail.com)

Rua António Costa Viseu, 108 - 3º dtº

4435-104 RIO TINTO

**CONDECORAÇÕES  
E  
MEDALHAS ANTIGAS  
COMPRO**

**J. Carmo Santos**

Sócio Nº 2262

**Apartado 1099 — 3001-505 Coimbra — Fax: 239 484 729**

**Email: [numismarte@hotmail.com](mailto:numismarte@hotmail.com)**



# Publicidade

Compra, Venda, Numismática, Filatelia, Galerias, Produtos, Livros, etc...



**Dm**  
**Capitolina**  
Numismática

Dinis A. Mesquita

Beco das Pedreiras, N.º 13  
4520-305 Fornos VFR - PORTUGAL

Leilões ON-LINE  
www.dmcapitolina.com  
dmcapitolina@portugalmail.pt  
Telem.: 00351 91 479 00 38



Numisporto  
Ferreira Leite  
Sócio 2233

**COMPRA — VENDE**  
MOEDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS  
MEDALHAS — NOTAS

Av. Comb. Grande Guerra, 610 - Loja 6 - 4200-186 PORTO  
Telef. 22 550 2976 — Fax 22 550 3135

presentium  
Qua prop  
imperatoris  
gloriam tou  
et honorem be  
me virginis marie et por

## Novo Horário da Sede

A fim de melhor cobrir o período da tarde em que os nosso associados demandam a sede, esta passa a estar aberta entre as 15:30 e as 18:30 horas.

# AMÉRICO BRITO



NOTAS, CHEQUES, CÉDULAS, ACCÇÕES  
BANKNOTES, LOCAL NOTES BONDS & SHARES

R. do Crucifixo, 76 – 2.º Esq. Sala F – Lisboa  
(METRO – BAIXA-CHIADO)

Correspondência: Apartado 22526  
EC Socorro – 1147-501 LISBOA – PORTUGAL

Telefone/Fax: 213 256 864 • Telemóvel: 965 886 773 • E-mail: dalfacinha@sapo.pt

39



## IRMÃOS CARVALHO COLECCIONISMO, LDA.

### Compra e Venda

NUMISMÁTICA E NOTAFILIA

Visite-nos na Rua Ramalho Ortigão nº 40  
(a 50 metros da Câmara do Porto)  
ou em

[www.icc.com.pt](http://www.icc.com.pt)

telefax: +351 222 017 172

[geral@icc.com.pt](mailto:geral@icc.com.pt)

**+351 961 797 546**

**+351 913 574 447**





## Publicações da Sociedade Portuguesa de Numismática

### **NVMMVS**

N<sup>o</sup>s 31 a 34/35 e Vol. I, II, III 2<sup>a</sup> série - 5€  
Vol. IV/V/VI e seguintes - 12,50€

### **A PERMUTA**

N<sup>o</sup>s ainda existentes, cada - 2€

### **CATÁLOGO GERAL DE CÉDULAS DE PORTUGAL**

*Dr. Mário S. Almeida*

Edição em Papel normal c/aditamento - 15€

### **COLECÇÃO “ANEXUS NVMMUS”**

1 - CIRCULAÇÃO MONETÁRIA DO NOROESTE DE HISPANIA ATÉ 192

*Dr. Rui Centeno*

(brochado) - 20€

(encadernado) - 25€

2 - APÓLICES DO REAL ERÁRIO, APÓLICES DE D. JOÃO, PRÍNCIPE REGENTE

*Dr. Mário S. Almeida*

(brochado) - 25€

(encadernado) - 30€

3- ENSAIOS SOBRE HISTÓRIA MONETÁRIA DA MONARQUIA VISIGODA

*Mário Gomes Marques, J. M. Peixoto Cabral e J. Rodrigues Marinho*

(brochado) - 20€

(encadernado) - 25€

4 - A MOEDA SUEVA

*J. M. Peixoto Cabral e M. Metcalf*

(brochado) - 20€

(Encadernado) - 25€

5- CIRCULAÇÃO MONETÁRIA NA ESTREMADURA PORTUGUESA, ATÉ AOS INÍCIOS DO SÉC. III

*José da Silva Ruivo*

(encadernado) - 13€

6 - TESOUROS MONETÁRIOS ROMANOS EM PORTUGAL: DA REPÚBLICA AO REINADO DE AUGUSTUS

*M. Benedita C. da S. de Guínea Barbosa*

(encadernado) - 15€

7 - O TESOURO MONETÁRIO TARDIROMANO DE CHAIRA (VINHAIS, BRAGANÇA)

*João Paulo Barbosa*

(encadernado) - 18€

8 - TESOUROS MONETÁRIOS BAIXO-IMPERIAIS ENTRE DOURO, AVE E TÂMEGA

*José Marcelo Mendes Pinto*

(encadernado) - 30€

## Preçário de publicidade em “A Permuta”

Página Interior - 80€

Meia Página - 40€

1/4 Página - 13€

1/8 Página (só para associados) - 3€